



Recebido em 19/6/2018
Aprovado em 20/9/2018



Criaturas antropofágicas e a astúcia e glória de Odisseu

Anthropophagic Creatures and Odysseus' Cunning and Glory

Thais Portansky¹

e-mail: thaisportansky@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0569-7946>

Lucia Sano²

e-mail: luciano@gmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3928-4277>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v6i2.18367>

RESUMO: Do canto IX ao XII da *Odisseia* de Homero, Odisseu torna-se um narrador em primeira pessoa e conta aos feácios suas desventuras no seu retorno a Ítaca. Dentre todos os empecilhos que encontra no caminho, em quatro situações ele corre o risco de ser devorado e esse é, de fato, o destino de alguns de seus companheiros. De acordo com Most (1989), os episódios envolvendo o Ciclope Polifemo (IX, 105-566), os Lestrigões (X, 80-134), Cila (XII, 73-141; XII, 220-263) e Caríbdis (XII, 101-110; XII, 234-244; XII, 429-444) formam um padrão de má hospitalidade. Atentando para a função semelhante que possuem esses episódios na economia interna da narrativa de Odisseu, buscou-se analisar as singularidades de cada um deles e seus efeitos na constituição do *kléos* do herói, para o qual o uso apropriado do dolo é elemento importante.

PALAVRAS-CHAVE: Homero; *Odisseia*; épica grega arcaica; Cila; Caríbdis; Lestrigões; Ciclopes

ABSTRACT: Between the books IX–XII of the *Odyssey*, Odysseus becomes a first-person narrator and tells the Phaeacians about his misfortunes upon his return to Ithaca. Among the obstacles he finds on the way, in four different contexts he runs the risk of being devoured and some of his companions are indeed devoured. According to Most (1989), the Cyclops Polyphemus (IX, 105–566), the Laestrygonians (X, 80–134), Scylla (XII, 73–141, XII, 220–263) and Charybdis (XII, 101–110; 234–244, XII, 429–444) create a pattern of bad hospitality. Considering the similar function that these episodes have in the internal economy of Odysseus' narrative, this article intends to analyse the singularities of each one of them and their effects in the composition of the hero's *kleos*, in which the proper use of *dolos* is an important element.

KEYWORDS: Homer; *Odyssey*; early Greek epic; Scylla; Charybdis; Laestrygonians; Cyclopes

¹ Mestranda (2018–2020) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil, sob orientação da orientação da Profª. Dra. Lucia Sano.

² Professora Adjunta de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil.



Odisseu³ é reconhecido pelas suas palavras e silêncios bem escolhidos e pelos seus truques dolosos. É o modelo de herói astucioso, cheio de recursos. Não à toa inicia sua narrativa no canto IX da *Odisseia* proclamando: “Sou Odisseu, filho de Laertes, por causa dos dolos | sou bem conhecido por todos os homens, e minha glória chega até o céu” (εἴμ’ Ὀδυσσεὺς Λαερτιάδης, ὃς πᾶσι δόλοισιν | ἀνθρώποισι μέλω, καί μευ κλέος οὐρανὸν ἵκει, IX, 19-20)⁴. Odisseu proclama que sua fama já chegou aos céus, mas isso não o impede de tentar aumentá-la por meio de sua própria narrativa.

A glória heroica não é uma matéria tão claramente definida nos poemas homéricos. Para Aquiles, protagonista da *Iliada*, o *kléos* é condicional. Conhecem-se as opções de sua vida: ou morrer jovem no campo de batalha, mas obter uma glória imorredoura, ou viver por muito tempo, mas ver morrer a sua glória (IX, 410-16). A glória obtida em campo de batalha envolve, principalmente, o uso da força para enfrentar o oponente. O guerreiro precisa provar sua superioridade numa batalha frente a frente com o inimigo.

Na *Odisseia*, o *kléos* heroico contém alguns complicadores. Nela, há uma pluralidade de ambientes que tornam o uso de força uma peça secundária. Para trespassar os flagelos de seu retorno, Odisseu utiliza dolos e astúcias, características suas também presentes na *Iliada*⁵. O ponto central da discussão do *kléos* na *Odisseia* é o fator do *nóstos*, do retorno do herói para casa, após o fim da guerra. Para Aquiles, o retorno implicaria na falta da glória heroica. Considerando que a *Odisseia* é um poema que trata do retorno de Odisseu, como entender a glória heroica?

Abordando a teoria da “bela morte” de Jean-Pierre Vernant (1970), a qual centra o ápice da glória heroica na morte em batalha, Adriane Duarte (2001) afirma que a *Odisseia* refuta esse preceito, comprovando que Odisseu é digno de *kléos* e, ainda que Odisseu tenha escapado da morte durante a guerra de Troia, não quer dizer que está imune a ela. Destarte,

o *nóstos*, na medida em que implica mortalidade, constitui, portanto, a única forma de atingir o *kléos* e qualquer obstáculo à sua realização implica uma ameaça direta àquele, como acontece nos encontros fantásticos que permeiam a sua viagem em que o herói se defronta com o Cíclope, as Sereias, Circe e outros congêneres (DUARTE, 2001, p. 92).

³ Agradecemos ao parecerista anônimo pelos muitos comentários, que foram de grande auxílio para a escrita deste artigo.

⁴ Todas as traduções são nossas e resultam de trabalho desenvolvido ao longo de dois anos de Iniciação Científica, em que o maior objetivo da pesquisa era a própria experiência de tradução do grego homérico. As passagens traduzidas concentram-se na narrativa de Odisseu. Utilizamos a edição do texto em língua grega de Thomas W. Allen, da coleção Oxford Classical Texts (1962).

⁵ Christian Werner (2004, p. 92 et seq.) dá exemplos de passagens iliádicas em que o atributo do dolo é atribuído a Odisseu por algumas personagens (III, 200; VI, 339; XI, 430).

Os sofrimentos pelos quais Odisseu passou, para Duarte, resultam numa “mais-valia heroica”, em que o retorno não apaga o *kléos* de Odisseu, mas se soma a ele. Teodoro Assunção (1995), em sua nota à “bela morte” vernantiana, argumenta que a glória é adquirida por quem mata e não por quem morre. Deste modo, a glória de quem morre diz respeito às façanhas realizadas enquanto o guerreiro esteve vivo.

Christian Werner (2004, p. 276 et seq.), por sua vez, defende que a glória obtida pelos heróis iliádicos, dentre eles Odisseu, não está em risco. O que compõe o *kléos* de Odisseu, segundo o pesquisador, são três fatores: a) o *kléos* firmado em Troia, b) o *kléos* ganho com dolos ao longo do *nóstos* e c) o *kléos* ganho com força, o qual marca o fim do percurso de Odisseu rumo a seu eu verdadeiro e integral.

Numa sociedade cujas práticas narrativas eram baseadas na oralidade, a manutenção do *kléos* era tarefa profissional dos aedos. Tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia*, porém, é possível encontrar ocasiões em que os heróis narram feitos gloriosos. Há, entretanto, distintas funções e significados nessas ocasiões. Aquiles narra feitos de heróis passados enquanto está afastado da guerra (IX, 185-191). Diferentemente de Aquiles, Odisseu narra as suas próprias façanhas entre os cantos IX e XII da *Odisseia*, no papel de narrador secundário no poema⁶, assumindo uma posição que lhe permite enaltecer a si próprio. O herói já desfruta de *kléos*, como se observou acima, tendo conquistado sua glória tanto com astúcia – o que se comprova pelo episódio do cavalo de pau –, quanto com habilidades guerreiras. Isso fica claro no canto VIII da *Odisseia*, no qual o aedo Demódoco narra o episódio (VIII, 497-519), demonstrando que os feitos odisseicos já eram matéria de canto.

Assim, a *Odisseia* tem como tema o homem (I, 1-10), isto é, Odisseu, e esse homem torna-se aedo de seu próprio *kléos*. No canto XXI, quando Odisseu enfrenta os pretendentes de Penélope, o narrador primário tece uma comparação entre o arco do herói e a lira do poeta. Para Werner (2004, p. 289),

em nenhum outro momento se mostra de forma mais aguda a distância entre Odisseu e os heróis da *Iliada* preocupados com o seu *kléos*. O narrador está reafirmando que Odisseu é autor de seu canto, ou seja, da *Odisseia*. As Musas e as Sirenas, por exemplo, reivindicam a autoridade sobre o que houve em Troia. O narrador da *Odisseia*, diversamente, diminui maximamente a distância que o separa de seu herói. Com isso o narrador enfatiza sua própria importância, em detrimento das Musas, e também a diferença do seu herói, que realiza seu *nóstos* justamente por compartilhar algumas características com os aedos.

Será a partir dessa visão de Odisseu como aedo construtor de seu próprio *kléos* que analisaremos de que forma o não humano contribui para sua glória heroica, para além de ter uma função narrativa prática, que é a de convencer o público feácio a auxiliá-lo no seu

⁶ Sobre a posição de narrador secundário no poema, ver De Jong (1992) e (2001).

retorno a Ítaca. Isso posto, não é insignificante que Odisseu narre suas desventuras na reta final de sua jornada. O herói ganha espaço para narrar os próprios feitos, conquistando autoridade para não só manipular a sua audiência interna, a fim de garantir seu *nóstos*, mas principalmente para construir a sua glória.

Os apólogos

Além das várias tempestades que teve de enfrentar, Odisseu, no seu retorno a Ítaca, deparou-se com diversas criaturas que se tornam obstáculo na sua viagem. Uma criatura de um olho só, gigantes que atacam na primeira oportunidade, um redemoinho que destrói qualquer nau e uma criatura de doze pernas e seis pescoços. Compondo parte dos *apólogos* de Odisseu, essas criaturas, que formam uma quadra sinistra, ameaçam sua vida quando tentam se alimentar dele.

É possível observar uma estrutura de composição anelar nos *apólogos* de Odisseu, como bem notou Glenn Most (1989, p. 22). O anel tem como centro a descida ao Hades no canto XI e separa dois grupos de cinco aventuras. Most identificou correspondências entre os encontros em duas formas distintas de tentar privar Odisseu de seu *nóstos*. Os encontros com os Lotófagos, com Circe, com as Sereias e com Calipso impedem que Odisseu parta, seja por meio de música, seja por drogas, seja por poderes eróticos. Já os Ciclopes, Lestrigões, Cila e Caríbdis são criaturas antropofágicas que, sendo assim, tentam privar Odisseu de seu *nóstos* ao devorar seus companheiros e/ou ao querer devorá-lo. Os dois episódios correspondentes que não contêm criaturas prodigiosas⁷, o de Éolo e o dos habitantes da Trinácia, também contribuem para atrasar a volta de Odisseu. Em ambos os casos, os companheiros são responsáveis por prolongar uma viagem já extensa.

Este artigo almeja, portanto, analisar a contribuição para o *kléos* de Odisseu de episódios que se enquadram num único padrão: todos envolvem criaturas que devoram os homens do herói, causando sofrimento e servindo de exemplos extremos de má hospitalidade. Para Most (1989), os exemplos dados serviriam para convencer os feácios, a audiência de Odisseu, a lhe auxiliar no seu intento de retornar a Ítaca. “O que seria o mais oposto a alimentar seus hóspedes do que se alimentar de seus hóspedes? E o que seria o mais oposto a permitir que seus hóspedes partam quando desejam do que fazer com que permaneçam para sempre?”, pergunta o autor (1989, p. 25). Os *apólogos*, portanto, de forma sutil, comunicariam a mensagem de “deixe-me ir para casa agora”.

⁷ Em sua tese de doutorado, Camila Zanon (2016) explorou as criaturas da poesia hexamétrica arcaica que tradicionalmente consideramos “monstruosas”. No entanto, após o exame de criaturas e de termos como πέλωρ e τέρας, a pesquisadora concluiu que “a multiplicidade e a complexidade subjacentes a essa categoria no mundo contemporâneo tornam, de fato, o esforço para sua delimitação uma tarefa inglória, já que qualquer definição que tente ser universalizante não dará conta dessa multiplicidade e imporá sobre a categoria ‘monstro’ um caráter imanente, transcultural e atemporal, que falseia a compreensão contextualizada da categoria em si” (p. 222). Adotamos, portanto, “criatura prodigiosa” assim como a pesquisadora, embora estejamos cientes de que a questão é complexa. Infelizmente, não tivemos acesso ao livro resultante da tese (2018) até a data da submissão deste artigo.

Sabe-se que os poemas homéricos possuem uma coerente economia interna. Pela chamada Lei de Monro, a *Odisseia* não faz alusão a acontecimentos da *Ilíada*. Haveria mesmo, portanto, apenas repetição temática e funcional de episódios nas histórias de Odisseu? Marianne Hopman (2012a) oferece uma leitura complementar ao artigo de Most, que, embora explique de forma excelente a relevância pragmática da estrutura, não satisfaz os episódios em sua individualidade ao defini-los apenas a partir da divisão entre o anfitrião antropófago e aquele que não quer deixar seu hóspede partir. Destarte, a pesquisadora traça um paralelo entre os episódios de Polifemo e de Cila a fim de explicitar suas particularidades.

Na concepção da autora, os episódios oferecem um contraste para a audiência interna (os feácios) de quem Odisseu intenta despertar tanto admiração quanto piedade para que consiga seu auxílio. Por outro lado, para a audiência externa, eles seriam uma chave interpretativa que colocaria a futura vitória de Odisseu sobre os pretendentes de Penélope em dúvida. Assim, Hopman argumenta em seu artigo que o encontro com Cila é uma aventura de fracasso num episódio organizado como uma narrativa de desejo não completo, em contraste com o episódio do Ciclope Polifemo, que seria um exemplo de narrativa de desejo completo⁸.

No entanto, Hopman, assim como Most, atribui apenas uma função aos episódios. Buscamos, portanto, ler essas passagens levando em consideração que Odisseu não é apenas um simples narrador, mas também um aedo construtor de seu próprio *kléos*.

1. Ciclope Polifemo

Ao introduzir o episódio do Ciclope Polifemo (IX, 105-566), a descrição geográfica que rodeia os Ciclopes é feita a partir do distanciamento da civilização. Eles não possuem leis (IX, 107; 112), não cultivam a terra (IX, 108) e habitam em cavernas (IX, 113). Além disso, há uma ilha próxima à terra dos Ciclopes cuja terra é fértil e onde o gado é abundante. No entanto, a ilha não é desfrutada, pois a eles falta a arte da navegação (IX, 116-41). A ordenação da narração, nesse preâmbulo, faz com que tanto a audiência primária quanto a secundária crie uma imagem sobre os Ciclopes e tome posicionamento acerca do que está por vir.

De acordo com Alfred Heubeck (1989, p. 21), o quadro criado mostra um povo na condição mais baixa de cultura, privado das benesses da civilização. Nessa primeira análise, o episódio aparenta estar organizado pelo contraste entre civilização e selvageria. No entanto, Camila Zanon (2016, p. 188) esclarece que “se os Ciclopes devem ser considerados não civilizados dentro da poesia odisséica, essa não civilidade deve ser circunscrita a um modo de vida pastoril em contraposição ao urbano, não uma contraposição entre civilização e barbárie”. Polifemo possui habilidades tais como pastorear (IX, 187-8; 217), ordenhar as

⁸ O conceito de “narrativa de desejo completo” (*narrative of desire fulfilled*) é empregado por Hopman para enfatizar que o tom do episódio depende do arranjo dado por seu narrador. Assim, Odisseu, ao narrar o episódio de Polifemo, enfatiza seu sucesso em escapar do monstro com vida ao invés de sublinhar suas falhas (como, por exemplo, na insistência em ser recebido pelo habitante da caverna ou na impossibilidade de salvar seis de seus companheiros).

ovelhas (IX, 244), produzir queijos (IX, 222-3). Ainda assim, a enormidade de Polifemo e sua voz retumbante deixam claro que o ser é uma ameaça (“assim falou, e outra vez tremeu nosso coração afável, porque tememos a voz grave e o próprio prodígio [ὥς ἔφαθ', ἡμῖν δ' αὖτε κατεκλάσθη φίλον ἦτορ, δεισάντων φθόγγον τε βαρὺν αὐτόν τε πέλωρον], IX, 256-257).

Contrapondo-se a Nieto-Hernández (2000, p. 350), que argumenta que o termo canibalismo não é bem aplicado a Polifemo porque ele se alimenta de uma espécie diferente da dele, Zanon nota que Polifemo é descrito como ἀνήρ (varão) e a ele é aplicado o termo ἀνδροφάγος (“que se alimenta de varões”), que é um *hárapax legómenon*. O que nos interessa aqui é enfatizar que Polifemo é descrito como varão por Odisseu e, ao mesmo tempo, como devorador de varões. Polifemo é, portanto, uma criatura “antropomórfica e antropofágica” (ZANON, 2016, p. 195).

A decisão de Odisseu de atravessar a ilha em direção à terra que posteriormente se descobriria ser dos Ciclopes é motivada pelo desejo de ser recebido dentro dos parâmetros da hospitalidade. O herói insiste em ser recebido a despeito do pedido de seus companheiros de apenas tomarem os queijos e o gado e partir de volta para a embarcação (IX, 224-29). Odisseu-narrador reconhece que esta seria a melhor atitude, mas o Odisseu-personagem ainda não aprendera que estava numa esfera não humana e não regulada pelos seus próprios costumes.

Apesar das distintas representações entre Odisseu e Aquiles – o herói da *Iliada* – e da sua constante contraposição, Odisseu também é um herói da guerra de Troia. Werner (2004, p. 20 et seq.) defende que a *Iliada* e a *Odisseia* fazem parte de tradições de poesia oral diferentes, as quais retratam um distinto conjunto de ideias. Assim, há um “jogo poético” entre esses poemas em que a tensão é mantida pela noção de *kléos* e *nóstos* e sua relevância para o destino de cada um dos seus protagonistas, isto é, Aquiles na *Iliada* e Odisseu na *Odisseia* (WERNER, 2004, p. 289 et seq.). Esse jogo entre as tradições não é de pouca importância para o *kléos* que Odisseu continua a construir para si mesmo.

Ao ser interrogado por Polifemo sobre sua identidade, o herói não esconde ter participado do embate entre aqueus e troianos sob o comando de Agamêmnon, mas estrategicamente omite seu nome. A declaração deixa explícito que Odisseu considera seus feitos na guerra de Troia merecedores de renome, mas não se vangloria de forma insensata. O ocultamento do nome é crucial para o desenrolar dos acontecimentos e sua posterior revelação será chave para a leitura desse episódio.

Na primeira noite dentro da caverna do Ciclope, depois de devorar dois companheiros de Odisseu, Polifemo adormece. O primeiro impulso do herói é utilizar a força para dar cabo do Ciclope, mas ele repensa sua decisão.

τὸν μὲν ἐγὼ βούλευσα κατὰ μεγαλήτορα θυμὸν
 ἄσσον ἰὼν, ξίφος ὃξὺ ἐρυσσάμενος παρὰ μηροῦ,
 οὐτάμεναι πρὸς στήθος, ὅθι φρένες ἦπαρ ἔχουσι,
 χεῖρ' ἐπιμασσάμενος: ἕτερος δέ με θυμὸς ἔρυκεν.
 αὐτοῦ γάρ κε καὶ ἄμμες ἀπώλομεθ' αἰπὺν ὄλεθρον·
 οὐ γάρ κεν δυνάμεσθα θυράων ὑψηλάων
 χερσὶν ἀπώσασθαι λίθον ὄβριμον, ὃν προσέθηκεν. (IX, 299-305)

Eu decidi em meu espírito longânime
 chegar perto dele, sacar a espada afiada de junto da coxa,
 e feri-lo no peito, onde o diafragma prende o fígado,
 procurando o lugar certo com a mão; mas outro impulso me reteve.
 Pois ali nós também pereceríamos em uma destruição certa,
 visto que não conseguiríamos da porta alta
 empurrar com as mãos a pedra enorme que ele colocara.

Para Werner (2004, p. 70), “Odisseu vence o Ciclope comportando-se de maneira oposta a um herói como Aquiles”. Embora o uso da espada seja a primeira opção do herói, Odisseu reconhece que seu uso poderia implicar a sua ruína e a de seus companheiros. Odisseu, portanto, mostra-se como o herói da astúcia quando se retém e emprega uma artimanha para combater o inimigo.

É nos instantes em que Odisseu sacrifica os protocolos heroicos mais prezados no mundo da guerra que ele consegue escapar da morte. O texto parece brincar com modos opostos de ação, indicando, no mínimo, que a sua correção depende do contexto em que são aplicados (WERNER, 2004, p. 72).

Essas tensões com a temática da tradição iliádica elucidam o desenrolar do episódio. Como já se afirmou, ao ser interrogado, Odisseu sagazmente não revela seu nome. No entanto, ao ser questionado pela segunda vez, com o estratagema já em mente, Odisseu oferece o nome falso de Ninguém (Οὐτίς). Além de os Ciclopes entenderem “Ninguém”, ao ser repetido por Polifemo para eles, não como um nome próprio, mas como um simples pronome, a alternativa de negação que é empregada na fala dos Ciclopes no verso 410 (μή τις) é quase uma homonímia homógrafa da palavra “astúcia” (μητις). Como se sabe, é com esse jogo de palavras que Odisseu evita que Polifemo seja socorrido pelos demais Ciclopes.

Odisseu, entretanto, revela seu verdadeiro nome:

Κύκλωψ, αἴ κέν τις σε καταθνητῶν ἀνθρώπων
 ὀφθαλμοῦ εἴρηται ἀεικέλιν ἀλαωτύν,
 φάσθαι Ὀδυσσῆα πτολιπόρθιον ἐξαλαῶσαι,
 υἷὸν Λαέρτεω, Ἰθάκῃ ἐνὶ οἰκίᾳ ἔχοντα. (IX, 502-5)

Ciclope, se alguém dentre os homens mortais
 te perguntar acerca do cegamento vergonhoso do olho,
 anuncia que Odisseu saqueador-de-cidades cegou-te completamente,
 o filho de Laerte, que tem morada em Ítaca.

Após a revelação de sua identidade, Polifemo amaldiçoa Odisseu dirigindo o pedido ao seu pai Poseidon:

‘κλῦθι, Ποσειδάων γαίηοχε κυανοχαῖτα,
 εἰ ἔτεόν γε σός εἰμι, πατήρ δ’ ἐμὸς εὐχεται εἶναι,
 δὸς μὴ Ὀδυσσῆα πτολιπόρθιον οἴκαδ’ ἰκέσθαι
 υἷον Λαέρτεω, Ἰθάκη ἔνι οἴκῳ ἔχοντα.
 ἀλλ’ εἴ οἱ μοῖρ’ ἐστὶ φίλους τ’ ἰδέειν καὶ ἰκέσθαι
 οἶκον ἐκτίμενον καὶ ἐὴν ἐς πατρίδα γαῖαν,
 ὅψε κακῶς ἔλθοι, ὀλέσας ἅπο πάντας ἑταίρους,
 νηὸς ἐπ’ ἀλλοτρίης, εὐροὶ δ’ ἐν πῆματα οἴκῳ. (IX, 528-35)

Ouve, Poseidon Move-Terra de negros cabelos:
 se de fato sou teu, e meu pai declaras ser,
 dê-me que Odisseu saqueador-de-cidades não volte para casa,
 o filho de Laerte, que tem morada em Ítaca.
 Mas se é quinhão dele ver os seus e chegar
 à casa bem construída e à terra de seu pai,
 que chegue com atraso e em aflição, tendo perdido todos os companheiros,
 sobre nau de outro, e que encontre desgraças em casa.

Calvin Brown (1966) explana sobre a relação entre nome e maldição. O pesquisador argumenta que a *Odisseia*, após o episódio do Ciclope Polifemo, é um desenrolar da praga lançada pelo filho de Poseidon. Para tanto, ele explora a questão do “poder do nome”, investigada em todas as sociedades chamadas por ele de primitivas. O objetivo de Brown é demonstrar que a maldição apenas foi possível porque Odisseu revelou seu nome no desfecho do episódio. Qual seria, portanto, a razão de Odisseu para isso?

Aristóteles (*Retórica*, B.3.16), ainda de acordo com Brown, explica a atitude do herói: enraivecido, Odisseu queria que o Ciclope soubesse quem o cegara. No entanto, o autor acredita que Aristóteles desconsidera o lado “mágico” da relação entre nome e maldição, e assim Brown explora outras dessas ligações nas demais histórias populares (*folktale*). A primeira de suas conclusões é que a revelação de um nome (que fora deliberadamente ocultado no início) após uma vitória é um motivo comum nas histórias tradicionais. O pesquisador conclui, por fim, que Odisseu comete *hýbris* durante seu encontro com Polifemo e o desenrolar da maldição seria sua punição. O autor faz um paralelo com a *Iliada*: enquanto esta é sobre a ira de Aquiles, a *Odisseia* tem sua temática central na *hýbris* de Odisseu.

Christopher Brown (1996), no entanto, entende a revelação do nome por parte de Odisseu mais como um erro de julgamento do que uma ação tomada pela *hýbris*. A questão que motiva as reflexões de Brown é o porquê de Zeus ter rejeitado o sacrifício de Odisseu ao final do episódio. Para o pesquisador, a recusa estaria mais ligada à natureza do Ciclope em Homero do que à atitude de Odisseu (1996, p. 16). Assim, o herói teria falhado ao pensar que seria recebido de acordo com as regras da hospitalidade sem perceber que fora parar num lugar onde essas regras não se aplicam. Zeus não socorre Odisseu não porque o herói teria agido com *hýbris*, mas porque as regras de hospitalidade não se aplicariam a Polifemo.

Contudo, procuraremos demonstrar que a atitude de Odisseu nada mais é que a de se certificar que a glória de ter cegado um Ciclope e de ter escapado com vida seja sua. Odisseu, como já demonstramos, não deixa de ser um herói que lutou na guerra de Troia. Seu uso regrado de astúcia para sobreviver é tão heroico como seria uma luta corpo a corpo.

2. Lestrigões

Do ponto de vista descritivo, o episódio dos Lestrigões afasta-se consideravelmente do episódio acima analisado. Não há um contraste entre rusticidade e civilização, pois ele se situa em um ambiente citadino. Enquanto os Ciclopes não possuíam leis, os Lestrigões são comandados por um rei (X, 110), reúnem-se numa ágora (X, 114), seu porto é bem posicionado e há indicação de que era utilizado (X, 87-94). Além disso, toda a descrição do porto serve quase como uma prolepse do desfecho do episódio. Será pelo seu posicionamento que a frota de Odisseu se reduzirá, deixando-o apenas com sua própria nau (X, 121-132).

Assim, o episódio construído por Odisseu-narrador focaliza a naturalidade da ambientação que não apresenta perigo aparente ou não oferece motivo para desconfianças. Heubeck (1989, p. 49) observa as similaridades do porto dos feácios (VI, 262-4), as quais sustentam e enriquecem as análises de Most acerca dos exemplos de má hospitalidade ao oferecer à audiência interna condições semelhantes entre os portos. Não é intenção do presente estudo descartar a importante contribuição do pesquisador, mas de expandi-la. Contudo, há diversas semelhanças entre os episódios dos Ciclopes e dos Lestrigões e não se pode desconsiderar a intervenção entre esses episódios, tendo em vista sua relevância para a composição do *kléos* de Odisseu e a coerência interna de seus *apólogos*.

O contraste entre esses episódios é construído por meio do jogo de afastamentos e aproximações. A descrição física das duas criaturas é feita em comparação com o tamanho das montanhas (Ciclopes: “[...] não se parecia | com homem comedor de pão, mas com o pico arborizado | das altas montanhas que aparece afastado dos outros” [... οὐδὲ ἐώκει | ἀνδρί γε σιτοφάγῳ, ἀλλὰ ρίῳ ὑλήεντι | ὑψηλῶν ὀρέων, ὃ τε φαίνεται οἶον ἀπ’ ἄλλων], IX, 190-2; Lestrigões: “e quando eles entraram na ilustre casa, encontraram | sua esposa, tão grande quanto o topo da montanha, e tiveram medo” [οἱ δ’ ἐπεὶ εἰσῆλθον κλυτὰ δώματα, τὴν δὲ γυναῖκα | εὖρον, ὅσην τ’ ὄρεος κορυφήν, κατὰ δ’ ἔστυγον αὐτήν], X, 112-3), a antropofagia de ambos é narrada com a mesma construção (IX, 289- 91, 311, 344; X, 116), os demais habitantes saem de suas casas após o chamado de Antifate e de Polifemo (IX, 118-9; X, 399-401) e ambos usam pedras como armas (IX, 537- 42; X, 121-4). Assim como Polifemo, os Lestrigões são descritos com o termo ἀνὴρ, embora o adjetivo ἀνδροφάγος não seja empregado aqui. Os Lestrigões são descritos como varões que comem pão (σῖτον ἔδοντες, X, 101). Segundo Zanon (2016), esse paralelo contrastaria com a rusticidade de Polifemo, ainda que igualmente seis dos companheiros de Odisseu sejam devorados.

As semelhanças também realçam as disparidades das situações. No episódio dos Ciclopes, Odisseu com seus ardis consegue enganá-los, impedindo que socorram Polifemo, ao passo que o grito de Antifate atrai os demais Lestrigões, ampliando, assim, os estragos que

sofreram. Além disso, Polifemo não acertou as naus com as enormes pedras que furiosamente lançava, enquanto os Lestrigões não só acertaram como destruíram todas, exceto a do próprio Odisseu.

Esse é o único, dentre os episódios analisados, em que Odisseu não procura um enfrentamento direto. O herói desembainha a espada não para um combate, mas sim para cortar os cabos que prendiam a nau (X, 125-131). Há dois contrastes ressaltados nesse episódio, que distanciam a atitude de Odisseu tanto de um herói de guerra quanto de sua atuação no episódio do Ciclope Polifemo. O herói apenas foge, salvando a si e aos seus companheiros de nau. O uso da espada também serve como prolepse do episódio de Cila. Durante o episódio dos Lestrigões, Odisseu a utiliza como instrumento de fuga enquanto, no encontro com Cila, Odisseu ergue a espada numa tentativa de combate heroico, ainda que já tivesse sido avisado de que deveria apenas fugir, como fizera na terra dos Lestrigões.

3. Caríbdis

O episódio que apresenta Cila e Caríbdis é construído a partir da dualidade entre as duas criaturas. Odisseu deve evitar enfrentar Caríbdis, uma criatura em forma de redemoinho, mesmo que para isso precise necessariamente passar em frente à caverna de Cila, o que implica perder seis companheiros. O herói já sabe o que precisa ser feito porque esse episódio, assim como os outros presentes no canto XII, diferencia-se dos demais devido ao aviso que Odisseu recebe de Circe, a deusa/feiticeira (XII, 80-110). Destarte, Odisseu ouve de Circe uma descrição detalhada das duas criaturas e recebe recomendações para que sobreviva a elas.

Como observa Heubeck (1989, p. 124), Caríbdis é descrita mais pelos seus efeitos do que pelo sua fisionomia, focalizando-se o estrago completo que causa.

τὸν δ' ἕτερον σκόπελον χθαμαλώτερον ὄψει, Ὀδυσσεῦ.
 πλησίον ἀλλήλων: καί κεν διοϊστεύσειας.
 τῷ δ' ἐν ἔρινεὸς ἔστι μέγας, φύλλοισι τεθελῶς.
 τῷ δ' ὑπὸ δῖα Χάρυβδις ἀναρροιβδεῖ μέλαν ὕδωρ.
 τρὶς μὲν γάρ τ' ἀνίσιν ἐπ' ἤματι, τρὶς δ' ἀναρροιβδεῖ
 δεινόν: μὴ σύ γε κεῖθι τύχοις, ὅτε ροιβδήσειεν:
 οὐ γάρ κεν ρύσαιτό σ' ὑπέκ κακοῦ οὐδ' ἐνοσίχθων. (XII, 101-7)

Tu verás também outro promontório mais baixo, Odisseu,
 próximo um do outro: e tu poderias alcançá-lo com flecha.
 Nele há uma grande figueira, coberta com folhas abundantes.
 Por baixo dele, a divina Caríbdis engole escura água.
 Três vezes no dia sobe, e três vezes a engole
 terrivelmente: que tu não aconteças de estar lá quando ela sorver
 pois nem o Treme-Terra poderia te livrar do mal.

Hopman (2012b, p. 68) destaca que Caríbdis “é simultaneamente um ser e um espaço, animada e inanimada”. Dentre os exemplos dessa dualidade, a autora menciona o adjetivo δῖα (divina) atribuído à Caríbdis, epíteto usado na *Odisseia* apenas em referência a mulheres e deusas. Além disso, verbos como “engolir” ou “ingerir” (ἀναρροίβδει, XII, 104 e 105; ῥοίβδήσειεν, XII, 106; ἀναβρόξειε, XII, 240) e “vomitar” (ἔξεμέσειε, XII, 237) possuem traços marcadamente digestivos. Assim, “meio espaço e meio criatura, Caríbdis fica na linha tênue que separa metáfora e personificação. Simultaneamente redemoinho e garganta que engole, Caríbdis é talvez o exemplo homérico mais extremo de uma figuração orgânica da paisagem” (HOPMAN, 2012b, p. 68).

Odisseu-narrador põe-se a narrar os efeitos da criatura quando a nau se aproxima:

ἡμεῖς μὲν στεινωπὸν ἀνεπλόομεν γοόωντες·
 ἔνθεν μὲν Σκύλλη, ἐτέρωθι δὲ δῖα Χάρυβδις
 δεινὸν ἀνερροίβδησε θαλάσσης ἄλμυρὸν ὕδωρ.
 ἦ τοι ὄτ’ ἐξεμέσειε, λέβης ὡς ἐν πυρὶ πολλῷ
 πᾶσ’ ἀναμορμύρεσκε κυκωμένη, ὑψόσε δ’ ἄχνη
 ἄκροισι σκοπέλοισιν ἐπ’ ἀμφοτέροισιν ἔπιπτεν·
 ἄλλ’ ὄτ’ ἀναβρόξειε θαλάσσης ἄλμυρὸν ὕδωρ,
 πᾶσ’ ἔντοσθε φάνεσκε κυκωμένη, ἀμφὶ δὲ πέτρῃ
 δεινὸν ἐβεβρύχει, ὑπένερθε δὲ γαῖα φάνεσκε
 ψάμμῳ κυανέῃ: τοὺς δὲ χλωρὸν δέος ἦρει.
 ἡμεῖς μὲν πρὸς τὴν ἴδομεν δείσαντες ὄλεθρον·
 τόφρα δέ μοι Σκύλλη γλαφυρῆς ἐκ νηὸς ἐταίρους
 ἔξ ἔλεθ’ ... (XII, 234–246)

Então nós navegávamos, pranteando, por um caminho estreito.
 De um lado, Cila e de outro, a divina Caríbdis
 tinha engolido terrivelmente a água salgada do mar.
 Quando ela vomitava, como um caldeirão no fogo,
 espargia toda, fervendo: e, para cima espuma
 no ponto mais alto de cada promontório caía.
 Mas quando sugava a água salgada do mar,
 ela toda mostrava um interior agitado, e em volta da pedra
 terrível retumbou, e apareceu embaixo a terra
 negra de areia; e um pálido terror os tomava.
 Enquanto nós olhamos na sua direção, temendo a ruína,
 Cila da côncava nau seis companheiros
 arrancou...

Caríbdis, além de apavorar Odisseu e seus companheiros e mostrar-se como morte certa, faz com que todos se distraiam, abrindo a guarda para que Cila pesque seis homens sem ninguém perceber.

Circe enfatiza que apenas a nau Argo sobreviveu aos tormentos de Caríbdis, uma vez que Hera os agraciara. Portanto, é inconcebível a Odisseu escolher esse caminho. Na visão de

Circe, é preferível que Odisseu perca seis companheiros para Cila do que todos eles e a si mesmo para Caríbdis. Contudo, após a parada na Trinácia, Odisseu encara novamente a criatura, dessa vez sem sua nau. O herói, apesar de sua remota chance, consegue sobreviver em razão de sua experiência anterior. Agarrando-se a uma figueira (que já tinha sido anteriormente descrita por Circe), ele observa Caríbdis regurgitar algumas peças da nau destrocada e agarra-se a elas para se afastar (XII, 420-453). Assim, Odisseu sobrevive à terrível Caríbdis. Com efeito, essa façanha aumentará o seu *kléos*.

4. Cila e Polifemo, mais uma vez

O encontro com Cila é o mais singular dos *apólogos*. Odisseu, na posição de narrador, constrói o episódio como um fracasso. A criatura é descrita por Circe da seguinte forma:

ἔνθα δ' ἐνὶ Σκύλλῃ ναίει δεινὸν λελακυῖα.
 τῆς ἧ̃ τοι φωνὴ μὲν ὄση σκύλακος νεογιλῆς
 γίγνεται, αὐτὴ δ' αὔτε πέλωρ κακόν: οὐδέ κέ τις μιν
 γηθήσειεν ἰδών, οὐδ' εἰ θεὸς ἀντιάσειεν.
 τῆς ἧ̃ τοι πόδες εἰσὶ δυώδεκα πάντες ἄωροι,
 ἕξ δέ τέ οἱ δειραὶ περιμήκεες, ἐν δὲ ἐκάστη
 σμερδαλέη κεφαλὴ, ἐν δὲ τρίστοιχοι ὀδόντες
 πυκνοὶ καὶ θαμέες, πλεῖοι μέλανος θανάτοιο.
 μέσση μὲν τε κατὰ σπείους κοίλοιο δέδυκεν,
 ἕξω δ' ἐξίσχει κεφαλὰς δεινοῖο βερέθρου,
 αὐτοῦ δ' ἰχθυάα, σκόπελον περιμαιμώωσα,
 δελφῖνάς τε κύνας τε, καὶ εἴ ποθι μείζον ἔλρησι
 κῆτος, ἃ μυρία βόσκει ἀγάστονος Ἀμφιτρίτη.
 τῆ δ' οὐ πώ ποτε ναῦται ἀκήριοι εὐχετόωνται
 παρφυγέειν σὺν νῆι: φέρει δέ τε κρατὶ ἐκάστῳ
 φῶτ' ἔξαρπάξασα νεὸς κυανοπρόροιο. (XII, 85-100)

Ali habita Cila, que late terrivelmente:
 decerto como cachorrinha recém-nascida a voz dela
 é, mas, por sua vez, ela é um portento vil: ninguém
 se regozijaria ao vê-la, nem se os deuses encontrasse.
 Decerto os pés dela são doze, todos pendentes,
 e os pescoços muito longos são seis, e em cada um
 há cabeças terríveis de se olhar com dentes em três fileiras,
 cerrados e copiosos, cheios de negra morte.
 A metade de baixo esconde na caverna oca
 mas coloca as cabeças para fora da terrível gruta,
 e de lá pesca, espreitando avidamente em volta do promontório
 golfinhos, focas e por acaso alguma grande criatura marinha
 que pegue, as quais, incontáveis, alimenta Anfítrite rangente.
 E sobre ela marinheiros ilesos ainda não se vangloriaram
 de ter escapado com nau: mas pega com cada cabeça
 um mortal que tenha arrebatado da nau de escura proa.

Posteriormente, Odisseu a caracteriza como “terrível, selvagem, atroz e inelutável” (δεινόν τ' ἀργαλέον τε καὶ ἄγριον οὐδὲ μαχητόν, 119) e como “inevitável infortúnio” (ἄπρηκτον ἀνίην, 223). Odisseu, na posição de narrador, enfatiza, veementemente, tanto durante a narração das recomendações de Circe quanto na narração da sua própria experiência quando se encontra com a criatura, que Cila é invencível.

Hopman (2012a) aponta as semelhanças desse episódio com o de Polifemo. Ambas as criaturas habitam em cavernas (IX, 182, 237, 337, 402, 447, 458; XII, 80, 84) e a pedra que fecha a entrada da de Polifemo é tão grande que “nem vinte e duas carroças | boas, de quatro rodas, poderia suspendê-la do chão” (οὐκ ἄν τόν γε δύω καὶ εἴκοσ' ἄμαξαι | ἐσθλαὶ τετράκυκλοι ἀπ' οὗδεος ὀχλίσσειαν, IX, 241-2), enquanto a de Cila é tão alta que “nenhum homem mortal poderia escalar, nem poderia galgá-la, | nem se as mãos fossem vinte e os pés também” (οὐδέ κεν ἀμβραῖη βροτὸς ἀνὴρ οὐδ' ἐπιβραῖη, | οὐδ' εἴ οἱ χεῖρες γε εἴκοσι καὶ πόδες εἶεν, XII, 77-78) e, por fim, ambas as criaturas devoram seis companheiros de Odisseu: Polifemo devora-os em três grupos de dois (IX, 289-91, 311, 344), ao passo que Cila os devora todos de uma só vez (XII, 245-46).

Por outro lado, o ponto que mais distancia os dois episódios é o tom com que Odisseu os narra. O episódio de Polifemo, apesar de trazer desafios e de ter resultado na maldição lançada pelo filho de Poseidon, é construído como um sucesso. No entanto, o episódio de Cila é o único apresentado como um confronto em que o herói sai derrotado. A passagem pela Lestrigônia, como vimos, leva à destruição de todas as naus da frota de Odisseu, exceto pela sua própria. Além disso, é o próprio herói quem narra essas histórias depois de ter sobrevivido ao encontro com essas criaturas. Ainda assim, o herói comenta que ver seus companheiros abocanhados por Cila “foi a cena mais lamentável que vi com os meus olhos | entre tudo que sofri em minha busca no caminho do mar” (οἴκτιστον δὴ κείνο ἔμοις ἴδον ὀφθαλμοῖσι | πάντων, ὅσσ' ἐμόγησα πόρους ἄλὸς ἔξερεείνων, XII, 258- 259). Com efeito, o episódio distancia-se do padrão dos demais. Para Hopman (2012b, p. 40), “no fim do episódio, a distância entre Polifemo e Odisseu é confirmada. O sucesso de Odisseu sobre o Ciclope é construído como um triunfo do homem sobre forças incivilizadas. Em contraste, o episódio de Cila desafia essa visão antropocêntrica”.

Odisseu perde companheiros em praticamente todas as suas paradas enquanto busca seu retorno ao lar. Contudo, o conhecimento prévio de que seria impossível qualquer ação que os salvasse contraria sua postura de comandante. O primeiro impulso de Odisseu (assim como no episódio de Polifemo) é o de demonstrar interesse em enfrentar Cila (XII, 113-4). Circe alerta-o quanto a impossibilidade de enfrentá-la – ao invés de derrotar a criatura, esta devoraria mais companheiros.

Odisseu narra, no entanto, que, ao se ter aproximado da caverna de Cila, esquecendo-se dos conselhos da deusa, armou-se para enfrentá-la. Ela, por sua vez, enquanto Odisseu se alinhava na frente da nau, abocanhava seus companheiros, que estavam na parte de trás da nau, sem se importar com o herói, que, portanto, fracassou na sua tentativa de impedir a criatura. Tendo em mente o papel de Odisseu como aedo construtor do próprio *kléos*, é interessante indagar o motivo de Odisseu ter moldado o episódio de Cila como um fracasso

e, ademais, o porquê de enfatizar as características iliádicas⁹ de seu comportamento nesse episódio.

Hopman (2012b) lê a passagem de Cila também como um “perigo performativo”, que coloca em risco a vida do herói e, principalmente, o canto dos seus feitos. O silêncio de Odisseu durante o encontro com Cila e o fato do Odisseu-narrador enfatizar que se esquecera dos conselhos de Circe seriam evidências do perigo em que Cila colocou a narrativa das aventuras como um todo, que só são dadas a conhecer, no poema, pelo canto do próprio herói. Cila seria um recurso metapoético enquanto risco que constitui ao próprio canto de tais feitos. Assim, ela desponta como a criatura mais perigosa para Odisseu dentre aquelas as quais ele encontra em suas aventuras.

Zanon (2016), comentando Hopman, adota uma visão mais positiva da passagem. Para a pesquisadora, o episódio de Cila não seria um fracasso, mas apenas mais um dos sofrimentos que Odisseu deveria enfrentar durante o seu retorno. No entanto, tendemos a concordar com Hopman (2012b) e sua concepção de que Odisseu narra em tom jubiloso o episódio de Polifemo. O maior indício é o herói tê-lo usado como paradigmático. Ao entrar no estreito de Cila e Caríbdis, Odisseu exorta seus companheiros a ter coragem, lembrando-os que vencera o Ciclope.

ὦ φίλοι, οὐ γάρ πώ τι κακῶν ἀδαήμονές εἴμεν·
οὐ μὲν δὴ τόδε μείζον ἔπει κακόν, ἢ ὅτε Κύκλωψ
εἶλει ἐνὶ σπηϊ γλαφυρῷ κρατερῆφι βίηφιν·
ἀλλὰ καὶ ἔνθεν ἐμῆ ἀρετῆ, βουλῆ τε νόφ τε,
ἐκφύγομεν, καί που τῶνδε μνήσεσθαι οἴω. (XII, 208-12)

Ó, amigos, já não somos desconhecedores de males,
uma vez que este não é um mal maior do que quando o Ciclope
nos trancou na caverna oca com sua força bruta.
Mas escapamos por causa da minha excelência, planejamento
e mente, e espero que talvez nos lembraremos disso.

Odisseu lembra o encontro com Polifemo porque acredita ter sido bem sucedido e espera que as armas que usou contra o Ciclope (seu planejamento e mente) pudessem ser novamente empregadas contra Cila. No entanto, a expectativa do herói é frustrada.

É ela, na verdade, que emprega uma ação dolosa contra Odisseu quando captura seus companheiros enquanto todos estão distraídos olhando Caríbdis. O que significa essa inversão? Se o episódio do Ciclope Polifemo demonstra que Odisseu está preocupado com a construção de seu *kléos*, o encontro com Cila demonstra como este é configurado num ambiente não humano. O afastamento da civilização, nas aventuras narradas por Odisseu, não apenas enaltece o uso do dolo, mas engrandece a própria figura do herói. A ênfase na rusticidade de Polifemo, por exemplo, só reforça a superioridade de Odisseu, no seu próprio julgamento.

⁹ Cf. Hopman (2012a, p. 15).

Cila, por sua vez, ao devorar sorrateiramente seis homens de uma só vez, parece demonstrar um modelo torpe de astúcia, isto é, sua astúcia é selvagem e indigna. O dolo de Cila, portanto, não é usado nem com esmero, nem para sobrevivência, nem de forma gloriosa.

Ressaltamos ainda que Polifemo é descrito como um varão¹⁰. Ainda que haja tantos traços nele próximos do que consideramos monstruoso, Odisseu-narrador escolheu empregar o termo ἀνὴρ para Polifemo. Assim, podemos considerar certo grau de compatibilidade de enfrentamento, assemelhando o emprego de recursos dolosos de Odisseu àqueles usados na guerra de Troia. Cila não é semelhante a um varão em nenhum grau. Não há nada em sua descrição que a coloque em par de igualdade com Odisseu.

Destarte, é possível concluir que o dolo de Odisseu não é gratuito ou traiçoeiro, como o de Cila, mas astuciosamente empregado contra quem não lhe ofereceu o mínimo de civilidade, no seu próprio julgamento. A forma como Cila age indica, por contraste, que há um uso apropriado e heroico do dolo, capaz de garantir *kléos* a um herói. Durante o episódio de Polifemo, como já comentamos, Odisseu se nega a simplesmente roubar os queijos e partir como seus companheiros haviam sugerido e como até mesmo Odisseu-narrador confessa que teria sido a decisão mais acertada. Cila, por sua vez, age de maneira anti-heroica quando apenas abocanha os companheiros do herói. Por isso, o Odisseu-narrador contrapõe tão nitidamente sua atitude heroica – atitude que diz ter assumido mesmo avisado de que era inútil – com a atitude traiçoeira de Cila. Seu uso superior do dolo já havia sido, além disso, bem demonstrado com Polifemo.

Conclusão

Os episódios que Odisseu seleciona e estrutura possuem suas singularidades e é pelo contraste entre eles que sua especificidade é destacada. Assim, os episódios que Most (1989) identifica como exemplos de anfitrião antropofágico e que Hopman (2012a) identifica como chave interpretativa para a audiência externa, também contribuem para configurar glória heroica na *Odisseia*. Não será o uso da força que fará com que o herói sobreviva a seu oponente durante as suas aventuras, mas o uso da astúcia, como já foi observado pelos estudiosos. No entanto, não é qualquer uso do dolo que cabe a um herói na posição de Odisseu, que lutou na guerra de Troia. Nesse sentido, Cila configura-se como um exemplo execrável do uso do dolo e, portanto, é compreensível que Odisseu ressalte que “aquilo foi a cena mais lamentável que vi com os meus olhos | entre tudo que sofri em minha busca no caminho do mar.” (οἴκτιστον δὴ κείνο ἔμοῖσ' ἴδον ὀφθαλμοῖσι ἰπάντων, ὅσσι' ἐμόγησα πόρους ἄλως ἔξερεείνων, XII, 258-259).

¹⁰ Odisseu descreve Polifemo como ἀνὴρ πελώριος, um homem gigantesco. Camila Zanon (2016, pp. 80-1) defende que o adjetivo aqui empregado está ligado, antes de tudo, à enormidade de Polifemo. A criatura apresenta todos os membros humanos considerados normais. A sua anormalidade consiste no tamanho agigantado de seu corpo.

Referências bibliográficas:

- ALLEN, Thomas W. *Homeri Opera Tomus III Odysseae*. Oxford Classical Texts. Oxonii, 1962.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica à “bela morte” vernantiana. *Classica*, vol. 7, 1994, pp. 53-62.
- BROWN, Calvin S. Odysseus and Polyphemus: The Name and the Curse. *Comparative Literature*, Vol. 18, No. 3. 1966, pp. 193-202.
- BROWN, Christopher G. In the Cyclops’ Cave: Revenge and Justice in “Odyssey” 9. *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 49, Fasc. 1, 1996, pp. 1-29.
- DE JONG, Irene J. F. The subjective style in Odysseus’ wanderings. *CQ*, v. 42, 1992, pp. 1-11.
- _____. *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DUARTE, Adriane da Silva. As Relações entre Retorno e Glória na Odisseia. *Letras Clássicas*, São Paulo, v. 5, 2001; pp. 89-97.
- HERNÁNDEZ, Pura Nieto. Back in the cave of the Cyclops. *The American Journal of Philology*, vol. 121, No. 3, 2000; pp. 345-366.
- HEUBECK, Alfred. *A commentary on Homer’s Odyssey*. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HOPMAN, Marianne. Narrative and Rhetoric in Odysseus’ Tales to the Phaeacians. *American Journal of Philology*, Vol. 133, No. 1, 2012(a); pp. 1-30.
- _____. *Scylla: Myth, Metaphor, Paradox*. New York: Cambridge University Press, 2012(b).
- MOST, Glenn W. The Structure and Function of Odysseus’ Apologoi. *Transactions of the American Philological Association*, Vol. 119, 1989, pp. 15-30.
- NIETO HERNÁNDEZ, Pura. Back in the cave of the Cyclops. *American Journal of Philology*, 121, 2000, pp. 345-66.
- WERNER, Christian. *Manobras Poéticas entre Ilíada e Odisseia: o caso de Odisseu*. 2004. 307f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.
- ZANON, Camila Aline. *Onde vivem os monstros: criaturas prodigiosas na poesia hexamétrica arcaica*. 2016. 312f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- _____. *Onde vivem os monstros: criaturas prodigiosas na poesia hexamétrica arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2018.

